

SAUDAÇÃO AOS FORMANDOS: DISCURSO PROFERIDO NA FORMATURA DA PRIMEIRA TURMA DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS DO TRABALHO

Heloisa de Souza Martins¹

É com muita honra que assumo hoje o papel de madrinha da 1ª Turma do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho. Sinto-me privilegiada por estar aqui e por compartilhar esse momento com todos vocês. Nunca imaginei, quando aceitei o convite feito por José Albertino Rodrigues para trabalhar no DIEESE no ano de 1965, que hoje estaria nesta posição, nesta Escola. A Escola do DIEESE. Universidade do Trabalho criada para a formação de intelectuais e pesquisadores capazes de elaborar uma reflexão a respeito do mundo do trabalho a partir da perspectiva dos trabalhadores. Sonho realizado. Reconheço humildemente que esta é uma deferência que poderia ser atribuída a outros que, talvez, sejam mais merecedores do que eu. Mas, confesso que fiquei orgulhosa e feliz com o reconhecimento e sinceramente não gostaria de estar em outro lugar. Este momento que vocês generosamente me concederam é para mim, sem dúvida, o marco mais importante de minha trajetória de vida e de intelectual.

Mas, ao receber esta distinção é preciso ressaltar que tudo que fiz e faço é o resultado do que aprendi com meus mestres e companheiros ao longo de um trabalho, muitas vezes individual, outras vezes compartilhado, mas sempre movido pela paixão e pelo compromisso com a luta por uma sociedade mais justa e fraterna, onde paz, solidariedade, igualdade são desafios a serem alcançados,

Neste espaço físico e simbólico que é o DIEESE e a Escola estas são palavras que sempre circularam e sustentaram as práticas de pesquisa, estudo e ensino de todos que por aqui passaram e aqui permanecem. É necessário, portanto, buscar na história do DIEESE, no tempo passado, o significado deste momento em que comemoramos o término de um ciclo de estudos. Comemorar, nos diz o dicionário é “festejar, celebrar”, mas é também “trazer à memória, fazer recordar, lembrar; solenizar recordando”. Estamos, então, em um tempo de festa, mas para o festejo é necessário rememorar o que foi e como foi. Fernando Pessoa, o grande poeta português, já disse que “a memória é a

¹ Professora aposentada da USP, foi diretora técnica do DIEESE entre 1966 a 1968. Paraninfa da primeira turma do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho.

consciência inserida no tempo”. Este é, também, um tempo de rememoração, o tempo do reencontro com a nossa história.

Nós pesquisadores, quando nos reencontramos com os fatos do passado, o fazemos adotando critérios definidos pelo método científico, sustentados pelo rigor crítico. Queremos compreender o que ocorreu e como ocorreu no passado para iluminar o presente e construir o futuro. É isso que nos define como sujeitos na construção do conhecimento e da história. Quero hoje lembrar com vocês 1955, 1965 e comemorar 2015, anos que se destacam na história do DIEESE.

Há 60 anos, poucos dias antes do Natal de 1955, foi criado o DIEESE, por uma iniciativa dos participantes de uma entidade paralela à estrutura sindical, o Pacto de Unidade Intersindical (PUI), como um órgão técnico mantido por entidades sindicais de trabalhadores paulistas. Nele estariam representadas a experiência e a prática da classe trabalhadora e o conhecimento científico dos intelectuais com formação universitária. O conhecimento que provinha, e provem, desse encontro não visava apenas responder às inquietações dos intelectuais, mas tinha como objetivo subsidiar especialmente a prática de dirigentes sindicais e de todos os que militavam em defesa dos interesses da classe trabalhadora. Na conjuntura em que foi criado o DIEESE, compreender o Brasil, explicar os dilemas de uma sociedade envolvida com o projeto desenvolvimentista com ênfase no processo de industrialização era o desafio dos intelectuais e pesquisadores comprometidos com a ideia da superação das desigualdades e injustiças sociais.

Para recuperar parte dessa história no sentido de entender o que denomino a “mística” ou o “espírito” do trabalho exercido no DIEESE, peço licença para focalizar a figura de um intelectual que é parte da história do DIEESE e que também influenciou a minha trajetória de pesquisadora do mundo trabalho. Refiro-me a José Albertino Rodrigues. Por intermédio dele tenho como objetivo salientar para os formandos desta primeira turma da Escola do DIEESE – que hoje adquirem a sua autonomia intelectual – qual a orientação que sempre guiou os intelectuais e pesquisadores que se vincularam ao DIEESE e que, tenho certeza, prevalecem em sua Escola.

José Albertino Rodrigues, em um texto autobiográfico, relata como foi a sua entrada no DIEESE. Em 1956, Albertino fora demitido da Universidade de São Paulo após o que ele denominou de um “atrito” com a catedrática (e sua orientadora). Decidiu, então, procurar, em maio de 1957, os dirigentes do PUI, Salvador Lossaco e Luis Tenório de Lima, no Sindicato dos Bancários, onde funcionava o Dieese. Oferece um plano de trabalho no qual propunha “elaborar um ICV, estudar regularmente o mercado de trabalho (emprego e desemprego), bem como a remuneração do trabalho e assessorar as entidades sindicais no plano econômico e social, bem como nas negociações trabalhistas”. Albertino expõe com muita clareza os motivos que o levaram a isso, ligando-os à sua militância política e, na verdade, às expectativas de sua geração. Para ele, tratava-se de oferecer os conhecimentos adquiridos na universidade, colocando-se

a serviço da classe trabalhadora, pois verificava que, em última análise, só prestavam serviços às classes dominantes. Endereça assim uma crítica aos pesquisadores acadêmicos que pouca atenção davam ao estudo dos problemas das classes exploradas, expressando as inquietações políticas do que denomina de “minha geração”. Dessa maneira, Albertino delineia a formação da figura do técnico/assessor, que no exercício de suas atividades se coloca ao lado do trabalhador, ajudando-o no processo de sua construção enquanto classe social, esclarecendo os seus direitos, fortalecendo-o em suas lutas.

O objetivo principal do órgão era o de realizar trabalhos técnicos que ajudassem a atuação política do movimento sindical. Segundo Albertino, o princípio básico que sempre orientou o Dieese era o de que o trabalho deveria ser de caráter exclusivamente técnico. Independentemente de posições e opiniões pessoais. No DIEESE não seriam realizados qualquer trabalho político. O raciocínio era o de que o trabalho de caráter técnico executado junto ao movimento sindical já era, em si, um trabalho político. A justificativa era de que a execução de qualquer atividade política seria um erro, pois não seria um trabalho para os sindicatos, mas sim a sua manipulação ou partidarização, solapando sua credibilidade técnica. Para ele, é impossível desempenhar uma atividade política que satisfaça todas as correntes políticas que atuavam – e atuam - no movimento sindical. Reconhece, entretanto, que a separação entre o trabalho técnico e o trabalho político é, no fundo, formal. Mas, esse formalismo era e sempre foi uma garantia de sobrevivência do Dieese.

Há no texto de Albertino uma análise muito interessante a respeito de sua geração, que, segundo ele, era uma geração “que acreditava que o mundo caminhava para o socialismo”. Essa utopia socialista, contudo, não era desvinculada da necessidade de elaborar uma “compreensão científica da realidade brasileira”. Jovem oriundo do interior de São Paulo, Albertino encontra na capital e no meio universitário as referências políticas e intelectuais de esquerda, principalmente o PCB. Em suas palavras, a “passagem pelo partido era quase inevitável e correspondia a certo ‘rito de passagem’”, pois como diz, “fazia parte de nossa ‘contemporaneidade’ ser revolucionários”. Ainda que Albertino tivesse obtido a sua formação universitária no início dos anos 50, as questões que ali se colocavam para os estudantes e pesquisadores permaneceram até a década seguinte, quando, segundo Florestan Fernandes, foram criadas as condições institucionais para o desenvolvimento de pesquisas na área das ciências sociais. Albertino recorre justamente a Florestan para acentuar a relação entre as ciências sociais e o socialismo, citando um autor que era referência em nosso curso, pelo menos no tempo em que o fiz: Hans Freyer. Para este autor, “só quem quer algo socialmente vê algo sociologicamente”. Uma das primeiras lições que aprendi a respeito da sociologia, já no primeiro ano da faculdade, é que a Sociologia é uma autoconsciência social da realidade. Essa compreensão leva Albertino a concluir que “sem conjugar o socialismo às ciências sociais seria impossível compreender o presente e entender o significado e as consequências da revolução social desencadeada pelas classes trabalhadoras”.

Diante desse contexto é possível compreender, portanto, a orientação de Albertino para o Dieese após o seu desligamento da universidade. Construía, assim, uma aproximação com a classe operária, ainda que mediada pelos dirigentes sindicais. Não era apenas um interesse acadêmico, mas também um interesse prático, marcado pela compreensão da classe operária como sujeito político da transformação histórica. Segundo ele, “para nós, o operário simbolizava, por um lado, o progresso econômico social trazido pela fábrica, mas, por outro lado, ele simbolizava o nosso sonho utópico do socialismo. Esperávamos dar-lhe a ideologia e que ficasse com ele a tarefa de realizar a revolução de que não nos mostrávamos aptos ou em condições de fazer”.

Albertino, entretanto, permanece no Dieese de 1956 a 1962, quando em uma decisão tomada em uma semana, aceita o convite para trabalhar na Universidade de Brasília, onde fica até 1964. Após o golpe militar é demitido com mais onze profissionais. O retorno à direção técnica do Dieese, em 1965, contudo, não dura muito. Já no começo de 1966 a situação fica insustentável, com o SNI pressionando os dirigentes sindicais, dizendo que ele havia sido cassado - o que não era verdade - e que isso inviabilizava a sua posição junto aos sindicatos. Resolve então afastar-se e vai para o exterior fazer o doutorado.

A minha história com o DIEESE começou com a volta de Albertino após a demissão da Universidade de Brasília e a reorganização da entidade no final de 1964. Seus contatos com os dirigentes sindicais que permaneceram à frente de suas entidades após o golpe de 31 de março de 1964 acabaram por resultar na reabertura do Dieese e a autorização para contratar funcionários. Recorreu então ao prof. Azis Simão, seu amigo e antigo colaborador do DIEESE, e solicitou a indicação de formados em Ciências Sociais. O prof. Azis indica a mim e Mariana Batich, suas ex-bolsistas de iniciação científica. Lembro-me perfeitamente da conversa com o prof. Azis quando me repassou o contato com o Albertino: se eu queria estudar o movimento sindical, deveria aceitar a oportunidade que estava sendo oferecida para “conhecer por dentro” o sindicato e me aproximar de seus dirigentes.

Albertino orientou-me nessa mesma direção, recomendando que ao lado de leituras a respeito do sindicato e do movimento sindical, eu aproveitasse a oportunidade para observar de perto a realidade do sindicalismo em São Paulo, começar a entender como funcionava efetivamente o sindicato. No fundo, passar pela experiência de trabalhar com os problemas que desafiavam e inquietavam dirigentes e intelectuais e pressionavam a classe trabalhadora. Pude entender, então, que antes de se constituírem como problemas teóricos, eram problemas sociais.

As minhas primeiras experiências como pesquisadora do movimento sindical tiveram, portanto, a influência desses dois pesquisadores. Com esses dois mestres aprendi que para poder explicar o que é o sindicato é preciso antes de tudo conhecê-lo, “estar lá”, como diz C. Geertz, observá-lo de perto. Antes da teoria a respeito do movimento sindical, aprendi um método para investigá-lo. Este é o ponto principal que explica o motivo pelo qual quis trazer

à memória, nesta solenidade, ainda que brevemente, esses dois intelectuais que marcaram a minha formação.

Do meu ponto de vista, se há algo que aproxima Azis e Albertino é essa postura de tomar o sindicato como objeto de investigação não permitindo que interesses políticos intervenham em suas análises. Ainda que Albertino estivesse envolvido com a prática das entidades sindicais, produzindo trabalhos que sustentassem as suas reivindicações, ele afirmava a necessidade de que esses trabalhos tivessem uma fundamentação científica e, portanto, marcados pela objetividade do conhecimento.

Há no texto autobiográfico de Albertino uma parte sombria e melancólica, quando reflete a respeito de sua geração. Segundo ele, o golpe militar de 1964 representou para essa geração a interrupção de projetos, o redirecionamento das atividades e, num certo sentido, para ele, a morte. O que começa a ser visto como o fim da história, a perda das utopias na década de 70, Albertino antecipa para o caso brasileiro no ano de 64. Expressa assim o desencanto com a trajetória da esquerda, com as suas divisões e a impossibilidade de elaboração de um projeto histórico de superação. No início de suas memórias, Albertino define o período compreendido pela sua geração: o início em 1929, com a crise econômica mundial e 1930, com a crise política nacional e o término no final do século 20. Antecipa, assim, a morte física de sua geração: “nossa esperança de vida é estatisticamente limitada pelo ano 2000”. Azis Simão morre em 1990, aos 78 anos e José Albertino Rodrigues em 1992, aos 64. Pena que ele e Azis não estejam aqui hoje, nesta solenidade, para ver que o interesse e o compromisso com o destino da classe trabalhadora continua a desafiar a nova geração de pesquisadores, talvez na esperança de reconstruir a utopia que os unia.

Concluindo, como uma homenagem a todos que tiveram e têm as suas vidas ligadas ao DIEESE e às lutas em defesa dos direitos dos trabalhadores, peço licença para ler, já que cantar não posso, pois não tenho o dom da cantoria, alguns versos de Gonzaguinha em

Pequena Memória Para Um Tempo Sem Memória

Memória de um tempo onde lutar
 Por seu direito
 É um defeito que mata.
 São tantas lutas inglórias.
 São histórias que a história
 Qualquer dia contará
 De obscuros personagens.
 As passagens, as coragens
 São sementes espalhadas nesse chão
 De Juvenais e de Raimundos
 Tantos Júlios de Santana.
 Dessa crença num enorme coração

Dos humilhados e ofendidos
Explorados e oprimidos
Que tentaram encontrar a solução.
São cruces sem nomes, sem corpos, sem datas.
Memória de um tempo onde lutar por seu direito
É um defeito que mata
E tantos são os homens por debaixo das manchetes.
São braços esquecidos que fizeram os heróis
São forças, são suores que levantam as vedetes
Do teatro de revistas, que é o país de todos nós.
São vozes que negaram liberdade concedida
Pois ela é bem mais sangue
Ela é bem mais vida.
São vidas que alimentam nosso fogo da esperança
O grito da batalha.
Quem espera, nunca alcança
Ê ê, quando o Sol nascer
É que eu quero ver quem se lembrará
Ê ê, quando amanhecer
É que eu quero ver quem recordará
Ê eu não posso esquecer
Essa legião que se entregou por um novo dia
Ê eu quero é cantar essa mão tão calejada
Que nos deu tanta alegria
E vamos à luta.

Obrigada a todos vocês.